

O CANGACEIRO E O SAMURAI  
SINOPSE (SEM DATA) CÓPIA 1/2

## O CANGACEIRO E O SAMURAI

### S i n o p s e

1. Após receber, como pagamento de dívida, uma fazenda de gado no interior da Bahia, o fazendeiro japonês Massao Takeda deixou São Paulo, onde residia com a mulher, e foi radicar-se naquela região dominada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incursões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Massao Takeda, vendo-se só na áspera e bela região nordestina, chama do Japão o sobrinho Kyoshiro Takeda, a quem desejava fazer herdeiro dos bens.

Kyoshiro, recém-casado com a jovem e bela Sayuri, embarca, com a esposa e a mãe, viúva, chegando por volta do ano de 1935 ao porto de Salvador. Entre outros pertences, traz uma valiosa arca, à qual dedica cuidados especiais.

Recebidos pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari rumam depois para a vasta propriedade rural, em pleno sertão baiano, e que todos chamam de "Fazenda de Japonês".

2. A chegada dos parentes japoneses e, especialmente, da Sayuri, a fascinante japonesinha, enche de alegria o velho Massao, despertando-lhe, pela semelhança que a moça tem com sua falecida esposa, reminiscências que, com o passar do tempo, se transformam em inquietante admiração.

Conjuntamente com Massao, também Antônio Garcia, capataz da fazenda, homem rude, salado e másculo, é fortemente atraído pela beleza exótica e delicada de Sayuri.

A fazenda, agora sob o impulso da juventude, a dedicação e a competência de Kyoshiro Takeda, prospera e favorece, sem grandes dificuldades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina, gerando o confronto de duas ricas e antagônicas culturas populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemora, no interior

da casa-grande, o dia do "Tanabata-Matsuri", os baianos, retribuindo a gentileza dos patrões, que os presentearam com doces e bebidas, realizam no galpão da fazenda uma ruidosa e impressionante demonstração de Candomblé, no qual, vestido de Ogún, se destaca Antônio Garcia.

As duas festas, alternando ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, exaltam o misticismo de duas raças e agravam o antagonismo que, desde algum tempo, se aprofunda entre Kyoshiro e Garcia, provocado pela calada admiração que o capataz dedica a Sayuri.

3. Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócios, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, vão espaiar-se na varanda e lá recordam, nostalgicamente, a pátria distante.

Massao, transportado para o passado, vê pouco a pouco a linda japonesa transmutar-se em Kimie, quando era jovem. Caminha na direção da moça, arrebatado pelo desejo e o fascínio. Quando vai debruçar-se sobre ela, estendida na rede, o latido de um cão o desperta da reminiscência temerária. Alquebrado pelo remorso, o desalento e a humilhação, Massao se tranca no quarto e lá se mata.

Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, o primeiro gesto de Kyoshiro é despedir o antigo capataz que, montado em seu cavalo, se afasta, certa manhã, da terra onde vivera a maior parte de sua vida.

Mais além, à beira do caminho de terra, Antônio Garcia depara com um cangaceiro ferido, que pede socorro.

Desmonta e vai ajudá-lo. Antes de morrer, o cangaceiro pede-lhe para avisar a família, moradora em Manga Rosa, e dar ciência de sua morte ao chefe do bando, Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, escondido pelos lados da Chapada da Ema.

Garcia rumo para Manga Rosa, levando os pertences do cangaceiro: cartucheira, fuzil, chapéu de couro, alparcata. Ao entrar no lugarejo é, inesperadamente, agarrado por soldados do destacamento local, que o confundem com homem do cangaço e o atiram na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impotente, o baiano, mais tarde, consegue escapar e sai à procura do bando de Aparício Meireles, ao qual se junta, definitivamente, abrindo nova fase de sua vida.

Enquanto isto, na Fazenda do Japonês, a terra se cobre de novos cultivos, o gado e as criações se ampliam, a propriedade prospera sob a direção firme de Kyoshiro Takeda.

4. Certo dia, na ausência do japonês, em viagem à capital para aquisição de novos equipamentos, a fazenda fica sob os cuidados de Sayuri, dona Mari e o novo capataz, Pedro Roque.

É quanto, inopinadamente, chega, trazendo pânico, o bando de canibais, agora sob a chefia de Antônio Garcia, que assumira o comando com a morte, em violenta refrega com a Polícia, de Aparício Meireles.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Garcia invade a casa-grande e vai ao encontro de Sayuri, que se refugiara num dos quartos.

Quando um dos bandidos, ao avistar a mãe de Kyoshiro empunhando, perigosamente, um punhal, abate-a com certo tiro, Sayuri desfalece. Garcia ampara-a e, em seguida, retira do guarda-roupa um belo e vistoso traje que a meiga trouxera do Japão, e que grande admiração lhe provoca.

O antigo capataz carrega Sayuri nos braços e, no terreiro da fazenda, monta e dá a Pedro Roque, antes de partir, que avise ao japonês que levaria consigo a mulher.

Espreia o cavalo e se afasta, com o bando, levando no selim a japonesinha aterrorizada.

5. Regressando da viagem, Kyoshiro depara com o quadro trágico: morta a mãe e seqüestrada a esposa. Fechado em seu ódio e mutismo, o japonês manda selar um animal e vai buscar, no interior da casa, a velha canastra com inrustações de marfim e madrepérola, que amarra da garupa do cavalo.

Depois parte, só, sem arma de fogo, iniciando uma longa, dramática e movimentada perseguição que rasga o sertão da Bahia e de outros Estados do Nordeste.

Enquanto isto, prisioneira indefesa do bando, Sayuri é uma figura insólita, frágil e delicada que Antônio Garcia respeita, mas a quem, vez e outra, obriga a vestir o exótico quimono japonês, limitando-se a contemplá-la, fascinado.

Kyoshiro, pertinaz, inflexível, segue em seu encalço, transpõe

a caatinga, despertando a curiosidade dos nordestinos, descobrindo a pista dos bandidos.

Ferido num combate com os soldados do Governo, Antônio Garcia desfalece e, quando volta a si, encontra-se só, num grotão. Ouve os passos de Sayuri que, em vez de escapar, como seria fácil, preferira ficar a seu lado, tratando do ferimento.

Dias depois, convalescendo num lugarejo distante, tomado de assalto pelo bando, Garcia avista, enternecido, a japonesinha que lhe traz comida. O ex-capataz atrai-a contra si, toma-a nos braços, abraçado de amor.

Fora, no fim do arruado, a silhueta de Kyoshiro destaca-se na noite clara. O japonês, seguindo de perto as pegadas dos cangaceiros, encontrara, finalmente, seus terríveis inimigos. Espera, então, pacientemente, o instante para atacar.

6. Esse instante, efetivamente, chega mais tarde, quando o bando faz pouso, com mulheres de um vilarejo, num recanto protegido da caatinga.

Kyoshiro chega também ao valhaçoute. Oculta entre as árvores, prepara-se para o ataque. Retira a canastra da anca do cavalo, deposita-a no chão, abrindo-a à luz de luar. No interior dela, além de um velho traje japonês, refulge, sinistra, uma espada samurai.

Kyoshiro retira do corpo o traje nordestino, veste o quimono típico dos guerreiros samurais. Depois prende os cabelos à moda nipônica, faz preces.

Em seguida, calmo, impressionante, encarnando a figura lendária, vai espionar o bando que, no grotão, se diverte com as mulheres, joga a capoeira, descansa, dança e bebe cachaça.

Eis quando, inesperadamente, brandindo a espada, num salto prodigioso, o vulto fantástico de Kyoshiro Takeda arreja-se ao centro do esconderijo, soltando terrível brado de guerra.

O japonês, alucinado, arremete-se contra os bandoleiros, ferindo-lhes o corpo, a carne, lançando-os ao chão, entre poças de sangue.

De súbito, chegando ao local da matança, na companhia de Sayuri, Antônio Garcia avista a figura espantosa do japonês. Desembainha o facão e vai ao encontro do inimigo para o duelo de morte.

Camisam um contra o outro, fitam-se nos olhos, medem forças, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem, deci-

dindo o destino de ódio e vingança.

De repente, as mãos sustentam a espada, Kyoshiro arranca para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, como Ôgún ediente, desvia o corpo num átimo e também ergue o facão.

O duelo eclode, sinistro, ecoando no acampamento juncado de cadáveres. Perto dos contedores, só Sayuri é a frágil e inútil espectadora.

Ferro e aço se chocam, erguendo-se, na trilha sonora, sons e ritmos do Brasil e do Japão.

Kyoshiro, mais rápido, golpeia no peito e ex-capatax. Garcia, com um berro, o corpo dilacerado, vacila e deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. Cai de joelhos, gemendo.

O samurai vai dar o golpe de misericórdia. Mas interrompe o gesto, cheio de espanto.

É que Kyoshiro avistara Sayuri que se aproxima, correndo, e vai amparar no colo a cabeça do cangaceiro agonizante.

O japonês, atônito, compreende tudo e baixa lentamente a espada,

Garcia, antes de expirar, contempla, amorosamente, o rosto de japonesa, no qual o sofrimento é agora um traço inusitado. Depois deixa tombar a cabeça, e morre.

Perto dos dois, imobilizado pelo espanto, Kyoshiro crava na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e desalento.

Depois, também ferido pelo punhal do cangaceiro, o japonês cambaleia, mas depressa se recompõe. Afasta-se alguns metros, acocora-se, à moda oriental, coloca a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se.

Com olhar estranho e profundo, fita Sayuri nos olhos. Depois, juntando forças, enfia o aço no ventre e tomba para a frente, morrendo.

Perto dele, afagando a cabeça do cangaceiro, Sayuri é a exótica e solitária imagem da inutilidade.

Depois a câmara, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia.

---

Geraldo Santos Pereira

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional).